

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

209

INSCRIÇÕES 754-756



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2020

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



PEDESTAL HONORÍFICO DE
L. AVRELIVS VERVS EM OLISIPO
(*Conventus Scallabitanus, Lusitania*)

Pedestal honorífico romano de calcário de lioz rosado (material característico da epigrafia olisiponense), encontrado em Telheiras (freguesia do Lumiar, Lisboa) no decorrer dos trabalhos de instalação da rede de distribuição de água, efetuados durante o ano 2000 pela Empresa Portuguesa das Águas Livres (EPAL)¹.

O monólito apresenta-se fragmentado em todos os seus limites, destacando-se, na face superior, uma superfície de secção circular (57 cm de diâmetro) que serve de remate a uma concavidade (23 cm de diâmetro e 36 cm de profundidade) escavada no seu interior, resultado de uma anterior reutilização de carácter funerário. Esta concavidade acabou por influenciar, em época moderna, a reutilização da pedra como floreira no pátio de uma quinta (SALGADO, 2004: 49-50).

A face lateral esquerda contém a gravação de uma inscrição funerária coeva da reutilização funerária do pedestal, cuja leitura se afigura impossível de confirmar face à atual posição do monumento, inserido no nicho de uma parede interior da Igreja da Nossa Senhora da Porta do Céu (Estrada de Telheiras, Lumiar).

¹ Cabe-nos deixar uma palavra de agradecimento ao arqueólogo João Pimenta (Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira - CEAX) por nos indicar o paradeiro do monumento epigráfico; e ao Rev.mo Sr. Padre João Paulo Pimentel por nos facilitar o acesso ao mesmo.

- Dimensões: 66 x 75 x 64 cm
- Campo epigráfico: 51 x 36 cm
- Altura das letras: 5 cm. À exceção do ‘T’ de ‘PARTHICO’ (l.4), que apresenta uma dimensão de 5,8 cm.
- Espaços: 2,5 cm.

[IMP(eratori) CAES(ari)] / [DIVI ANTONINI PII
FIL(io)] / [DIV]I HADRIA[NI NEP(oti)] / [DIV]I TRAI(ani)
PARTHIC(i) · PR[(onepoti)] / [DIV]I NERVAE ABNE[(poti)]
/ [L(ucio) AVRELI]O VERO AV[G(usto)] / [[.....c.15-
18.....]] / [[- - - - -

*Ao Imperador César Lúcio Aurélio Vero Augusto, filho
do divino Antonino Pio, neto do divino Adriano, bisneto do
divino Trajano Pártico, trineto do divino Nerva ...*

É plausível pensar que o monumento fosse dotado de uma paginação cuidada, uma vez que se trata de uma homenagem imperial; todavia, o intencional desbaste de todas as suas arestas levou a que hoje não se conserve nenhuma das margens originais, não sendo assim possível verificar o alinhamento do texto. Lamentavelmente, perderam-se também, de forma integral, as duas primeiras linhas (l. 1 e 2) e um número indeterminado das últimas (l.s 7?), restando apenas legíveis as 4 linhas centrais (l. 3 a l. 6) e vestígios da existência de mais duas (l. 2 e l. 7).

Atendendo a estas circunstâncias, o campo epigráfico encontra-se bastante afetado, tendo desaparecido os primeiros e últimos caracteres de todas as linhas, com destaque para a l. 6, onde a linha de fratura fez desaparecer os 7 caracteres iniciais que corresponderiam à identificação do imperador [L. AVRELI]O VERO AV[G(usto)].

Na l. 4 destaca-se a dimensão da haste do T, no *cognomen* honorífico PARTHICO, que se apresenta um pouco superior à dos restantes caracteres, de forma a integrar o nexa TH, essencial à manutenção da harmonia na paginação do texto. Ainda que não haja vestígios inequívocos do traço horizontal do H (note-se que os traços dos AA e dos EE apresentam

igualmente uma ténue gravação), fator particularmente decisivo para confirmar se o nexu ocorre entre o TH ou entre o HI, a extensão da haste do T e não da segunda haste do H, parece apontar para a primeira opção.

O *ductus* desenvolve-se recorrendo a caracteres de capital quadrada regular. Pelo menos na l. 4, verifica-se um pequeno ponto circular fundo entre os termos *Parthic(i)* e *Pr[on(epoti)]*, que testemunha o uso de pontuação. Na l. 2, por cima do termo *Hadriani*, são ainda visíveis vestígios das hastes de alguns caracteres que poderão corresponder, porventura, aos arranques do T e do primeiro N do termo *Antonini*, com o qual se inicia a filiação do imperador.

A inscrição corresponde a uma homenagem a Lúcio Vero, co-imperador (161 d. C. – 169 d. C.) com Marco Aurélio (161 d. C. – 180 d. C.).

Lucius Ceionius Commodus (130-169 d. C.), futuro imperador Lúcio Vero, nascera em 130 d. C. no seio de uma família de cônsules (*HA Ver.* 2, 10), filho primogénito do homónimo *Lucius Ceionius Commodus* (104-138 d. C.), *cos. II* e governador das Panónias. Em 136 d. C., por ocasião da adoção de seu pai pelo imperador Adriano, são ambos incluídos na família imperial (*gens Aelia*), mudando o nome para *L. Aelius Commodus* e, novamente, em 138 d. C., para *L. Aelius Aurelius Commodus*, quando é adotado por Antonino Pio. Esta designação mantém-se até 161 d. C. quando sobe ao trono como *Imp. Caes. L. Aurelius Verus Augustus* (BARNES, 1967: 75; BIRLEY, 2007: 147-48), tomando agora o *cognomen* de *Marcus – Verus* –, cimentando assim a ligação familiar existente entre os dois colegas de governo. A aliança estabelecida entre os dois imperadores é novamente fortificada quando Lúcio Vero casa com a filha mais velha de *M. Aurelius*, Lucila (*HA Marc.* 6.1-2, 6.6, 7.7 e 9.4), entre o segundo semestre de 163 d. C. e o primeiro de 164 d. C., em *Ephesus*, durante as guerras párticas (162-166 d. C.).

Em 163 d. C., resultado da captura da capital da Arménia, Artaxata, Lúcio Vero recebe o título de *Armeniacus* e a aclamação como *imp. II*; em 165 d. C., com a tomada da capital parta, *Ctesiphon*, é aclamado de *Parthicus Maximus* e de *imp. III*; e, em 166 d. C., alcança a *Media*, o limite máximo da penetração romana a Oriente, terminando as guerras

párticas e incorporando o título de *Medicus* e a aclamação *imp. IV* (*HA Ver.*, 6.8) (GRANT, 1994: 31; BIRLEY, 2007: 163-64).

Segundo os dados de J. M. Højte (2005: 516-518 e 569-570) identificam-se cerca de 139 bases de estátuas dedicadas a Lúcio Vero no Império Romano, mais 12 testemunhos que poderão remeter tanto a Marco Aurélio como a Lúcio Vero (note-se, porém, que estes números refletem apenas as inscrições honoríficas).

Para a Hispânia, considerámos cerca de 23 testemunhos que referem claramente o imperador: uns de cariz político-administrativo, que invocam o imperador na sua condição de cônsul (CIL II 4514; HEp 6, 1996, 540; CIL II 1180; CIL II 5232); outros de cariz honorífico, ou seja, 15 dedicatórias oficialmente consagradas pelas *res publicae* das cidades no âmbito do culto imperial (CIL II 4100; CIL II 4099; CIL II 2/14, 908; IRC IV, 20; CIL II 6081; HEp 10, 2000, 420; HEp 4, 1994, 329; CIL II 1946; CIL II 3399; CIL II 1643; CIL II 2/5, 679; AE 1972, 262; CIL II 158; CIL II 47; e FE 205 2020 n° 745); e ainda 4 documentos de forte cariz político-religioso, consagrados em meio militar no norte da Península Ibérica, que invocam IOM *pro salute Aug(ustorum)* (CIL II 2552; CIL II 2553; CIL II 2555; CIL II 2556).

No que toca à sua distribuição geográfica, pretende-se apenas destacar o papel preponderante que assume a província Tarraconense no seio das restantes províncias hispânicas, com 12 dos testemunhos (CIL II 4100; CIL II 4099; CIL II 2/14, 908; IRC IV, 20; CIL II 6081; HEp 10, 2000, 420; HEp 4, 1994, 329; CIL II 4514; CIL II 2552; CIL II 2553; CIL II 2555; CIL II 2556), que simbolizam mais de metade do total (c. 52%), número justificado pela presença das forças militares romanas que controlavam a exploração mineira a norte e que acompanhavam o transporte dos minérios, aí estacionadas. Segue-se a *Baetica* com 7 testemunhos (30,4%) (CIL II 1946; CIL II 3399; CIL II 1643; HEp 6, 1996, 540; CIL II 1180; CIL II 2/5, 679; AE 1972, 262) e a *Lusitania* (CIL II 47; CIL II 158; CIL II 5232; *Olisipo*) com 4 testemunhos (17,4%).

Da *prouincia Lusitania* destacam-se as duas dedicatórias do *conventus Pacensis*, uma de São Salvador de Aramenha

(Marvão, Portalegre) consagrada pelos munícipes da cidade de *Ammaia* (CIL II 158, IRCP 616) durante o primeiro ano de reinado do imperador (161 d. C.); a outra, proveniente da capital conventual, a colónia *Pax Iulia* (Beja), uma homenagem consagrada a Lúcio Vero antes de este se tornar imperador (CIL II 47, IRCP 291), dedicada pela própria colónia representada através dos seus magistrados municipais, os dúunviros *Q. Petronius Maternus* e *C. Iulius Iulianus*, que a mandam erigir entre 138 e 161 d. C., por decreto dos decuriões.

Hoje, pode juntar-se-lhes esta dedicatória de *Olisipo*, cuja análise histórica não foi fácil face à intensa destruição do monumento que acabou por levar à irremediável perda da parte final do texto. A tentativa de reconstrução é, pois, apresentada com a devida prudência, recorrendo à semelhança de formulário existente (nome + filiação + titulatura + cidade + D. D. + magistrados) entre as citadas homenagens pacenses e os testemunhos olisiponenses (REIS, 2016; 2019).

A intensa adesão de *Felicitas Iulia Olisipo* ao culto imperial encontra-se bem visível não só na quantidade de homenagens, contando-se hoje mais de uma dezena de testemunhos, mas também na contínua devoção que começou logo no início do séc. I d. C. com dedicatórias a Augusto (CIL II 182), Nero (CIL II 183 e CIL II 184) e Vespasiano (CIL II 185); atingindo o apogeu no séc. II d. C., a *Matidia Augusta* (CIL II 4993), ao imperador Adriano (CIL II 186), à imperatriz Sabina (CIL II 4992 = CIL II 5221), ao imperador Lúcio Vero e ao imperador Cómodo (CIL II 187); e continuando até meados do séc. III d. C., a Filipe, o Árabe (CIL II 188).

Destas, destaca-se concretamente o núcleo de homenagens da dinastia Antonina – Adriano (CIL II 186), Sabina Augusta (CIL II 4992), Cómodo (CIL II 187) – cujos formulários atestam uma maior aproximação entre si e com as homenagens pacenses, refletindo o ‘epigraphic habit’ num curto espaço e cronologia. Encontram-se assim alguns elementos comuns: a filiação precede o nome do imperador e remete até à 4ª geração nas homenagens a Lúcio Vero e Cómodo (CIL II 187); a titulatura, desconhecida na inscrição de Lisboa devido à fragmentação do monumento, poderia desenvolver-se com uma referência aos *cognomina ex*

deuictarum gentium como *Armeniacus*, *Parthicus Maximus* e *Medicus* (tradição sustentada tanto nas inscrições de *Olisipo*, a Adriano e Cómodo, como em outras homenagens hispânicas – CIL II 1946; CIL II 3399; HEp 6, 1996, 540), remetendo ao carácter militar do imperador como general vitorioso das guerras párticas. Seria ainda plausível encontrar a referência ao desempenho de magistraturas civis e políticas, como o poder tribunício, o consulado e as aclamações imperiais (referidas nas homenagens olisiponenses a Adriano, Cómodo e Filipe; e nas inscrições hispânicas, HEp 6, 1996, 540, CIL II 1946, HEp 10, 2000, 420, CIL II 3399 e CIL II 158).

Quanto aos dedicantes, consideramos provável que se repetisse o modelo utilizado tanto na dedicatória da *col(onia) Pax Iulia* como nos monumentos dedicados por *Olisipo* a Matidia, Adriano, Sabina e Cómodo, no qual seria a própria cidade, por intermédio dos seus magistrados, os duúvirov municipais, a consagrar a homenagem. Não é, contudo, de excluir, uma opção mais simples na qual apenas se referisse o nome da cidade, *Felicitas Iulia Olisipo*, como dedicante (tal como se verifica na homenagem ao imperador Filipe), terminando com uma fórmula final do tipo *D(ecreto) D(ecurionum)*, ou similar.

SARA HENRIQUES DOS REIS
(UNIARQ)

BIBLIOGRAFIA

BARNES, Timothy David (1967) – “Hadrian and Lucius Verus”, *The Journal of Roman Studies*, vol. 57, nº1/2, pp. 65-79.

BIRLEY, Anthony Richard (2007) – “Hadrian to the Antonines”, *The Cambridge Ancient History* 11. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 132-193.

GRANT, Michael (1994) – *The Antonines: the Roman Empire in transition*. London and New York: Routledge.

HØJTE, Jakob Munk (2005) – *Roman Imperial Statue Bases: from Augustus to Commodus*. Aarhus University Press.

IRCP = ENCARNÇÃO, José d' (1984) – *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis – Subsídios para o Estudo da Romanização*, Coimbra.

REIS, Sara Henriques dos (2016) – “Materializações do sagrado político: algumas reflexões acerca do culto imperial no *Municipium Olisiponense*”. *Cadmo*, nº 25, pp. 71-97.

REIS, Sara Henriques dos (2019) – “*Felicitas Iulia Olisipo*. A cidade e o imperador”. *Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo. Os Monumentos Epigráficos*. Lisboa: CML, pp. 52-69.

SALVADO, Salette – (2004) “Uma Pedra Romana de Telheiras”, *1^{as} Jornadas Histórico-Culturais do Lumiar*, pp. 49-55.

TEIXEIRA, Cláudia, BRANDÃO, José Luís e RODRIGUES, Nuno Simões (trads.) (2011) – *Vidas de Adriano, Élio, Antonino Pio, Marco Aurélio, Lúcio Vero, Avidio Cássio e Cómodo*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra (História Augusta 1).

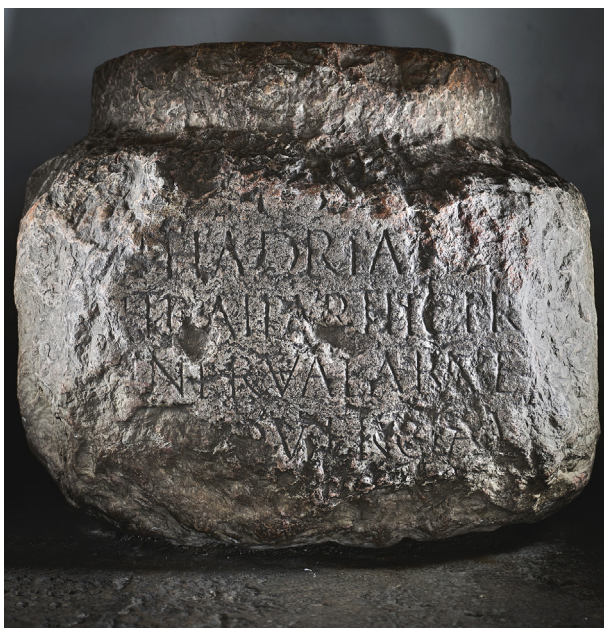


Foto 1 – Vista geral: face frontal
[todas as fotografias foram captadas pela autora em Junho de 2020].



Foto 2 – Vista de topo: face superior com concavidade escavada no interior para reutilização da peça.

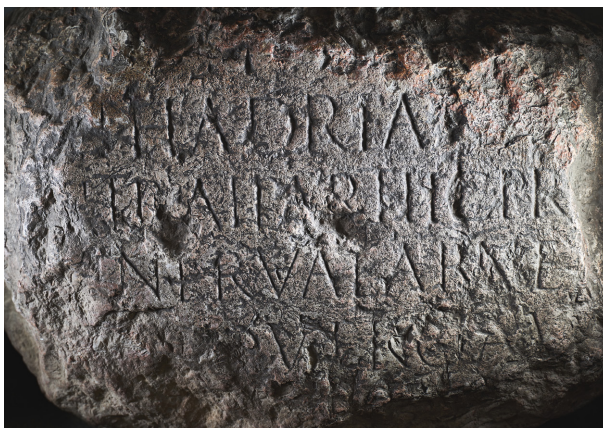


Foto 3 – Campo epigráfico.

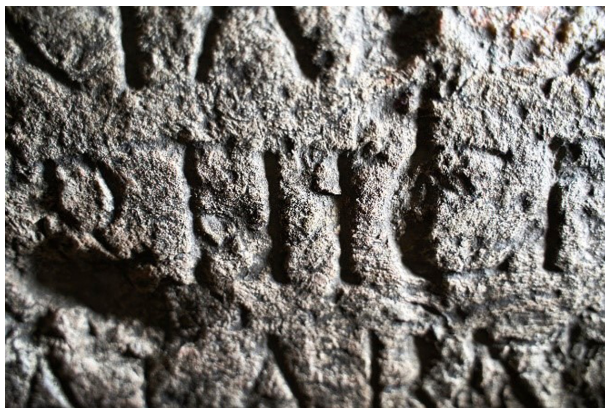


Foto 4 – Vista de pormenor: nexo TH (l.4).

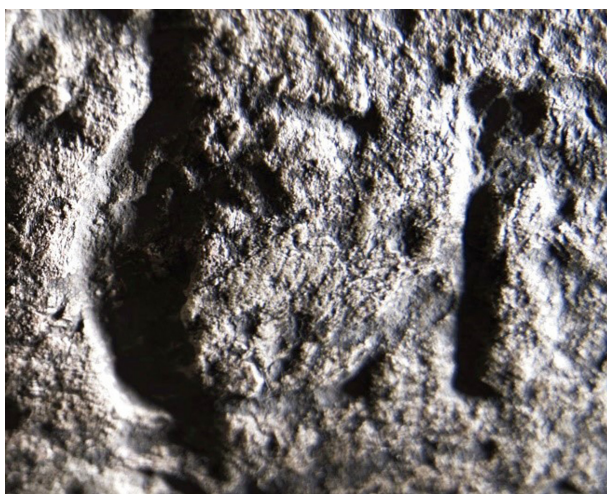


Foto 5 – Vista de pormenor: ponto circular entre os termos *Parthic(i)* e *Pr[on(epoti)]* (l.4).